

Poemas

Alberto Bresciani¹

O clone um abre o sol e a porta o segue / Recolhe a pasta azul repleta de azul / e de não saber / À pelúcia cobrirão pele penas pelos escamas espinhos (um dia lâminas) / Mas está tudo tão limpo que ignora a semente no chão // **O clone dois** aperta a gravata e não nota / - esse tempo ainda não - / A tinta é a do desejo / e como na aula de artes / açula o sexo com lixa isopor ou veludo / Body jump corta as veias escreve a lápis sem papel // **O número três** veste três ternos / cobre três tempos e se esquece do corpo / O que lhe importa se gatos são pardos se não há dia ou noite? / Quem pode saber de Samsa com tanta pressa para chegar ao nada? / Não nota as lacunas e sequer apaga em seu *notebook* o *spam* malicioso oriundo da Noruega central // **O quarto homem** perdeu a hora / e assim se chora ou ri / escancarando os braços as pernas e o ventre / ainda crê em salvação / Lembra-se de reencarnações pregressas quando foi taxista ganso sapo golpista ou rato e tem dúvidas sobre a melhor posição: atrás do gatilho ou diante do cano // **O clone cinco** deu de cara com a parede / e a parede lhe abriu janelas cegas mas vociferantes / Uma diz *go* / A outra *stop* // Lembra-se que tinha uma pasta azul e se apressa respirando por aparelhos / Talvez encontre a declaração em papel timbrado que prove ao morto e lhe diga o contrário / e que por sob o medo o asco escárnio sobre uma linha de luz // Uma quadra depois / no café / por um instante se esquece / alegra-se quase / vê todos juntos / mas de qualquer modo / ainda não sabe

1.

realidade

ilusão que destoa de dentro e fora
matéria e etéreo

contra o eclipse dos olhos e ouvidos

há ultracores brilhando em aves
o canto dos elefantes

2.

o sangue entretanto assume outros nomes
entra em transe engana a razão

é difícil saber quem
quando e o quê

escondem-se fatos inventam-se fatos
vai-se a chance de escapar a tempo

3.

ao lado
março escorre
invisível e indiferente

resta o ácido
de sua herança

1.

e se a noite quebrasse a janela

e entes ardendo a desejo
rasgassem fendas e sono
– cerimônia xamanista
de fertilidade e fusão

e se a tua boca quisesse mais do que som
e a minha à mesma hora também

e se não houvéssemos
arrancado as vinhas
enterrado sob lajedos
cada vértice do cio

2.

Na sombra hesitante
tua ausência
cravada no erro
no rancor vão

repito ao tronco
: o amor nunca prometeu nos salvar
nunca prometeu nada
amor não salva
não precisávamos de razão

era para ser
violentamente que fosse
não houvesse o arame farpado
de possíveis e conjecturas
medos e imprecisões

3.

sobe pelas pernas o barro frio
acresce toneladas aos pés
arrastados com esforço

para nunca deixarmos de lamentar
com desgosto
o nosso exílio

Vlad está ali

com seus olhos de predador
como os olhos da tia amarga
que me desejava má sorte

trouxe a caixa de tortura
um contêiner de coisas de fazer morte
lenta ou rapidamente (efeitos especiais
lanças cimitarras *splashes* de sangue)

tenho medo de Vlad
mas se ele desafia e desperta ódio

também me inflama ao avesso
amo tanto quanto odeio

(ele teme o amor
não tem não teve
é feio)

a luta perdura e é árdua vai por dias
e a cada manhã Vlad perde o passo
eu – preso à flor –
arranco-lhe as armas

tenho garantias e vantagens
o céu azul em Brasília ou Barcelona
os ombros dela a carne o desejo
Juliet seus espíritos e cabelos em fogo

Kali com mil braços
acendendo os sons do corpo
mais do que abraço
aperto de cobra

Vlad não sabe que a cada golpe
reflui em mim
quebrado dos ossos
a linfa salamandra

e ainda ali
renasço

o cão de sua tia
o miniatura pinscher
assiste à televisão

estudos científicos revelam
sua razoável compreensão
e a dureza da inveja que sente
daqueles lobos sem temor
de cascos e chifres
que os eviscerem

na caçada ao jovem bisão

o cão de sua tia está
limpo alimentado
por que caçaria?

assiste à televisão
enquanto na coleira reluz
cada letra de seu nome:

s o l i d ã o

Diria de perfume / ou sombra distante / na alucinação que a memória tece // um sopro
toques de boca / em sons esfumados / na cidade breve // Abraço firme / o espectro o
silêncio / o que não sabemos // Por instante eterno / fundo pétreo / um nome / só meu

poetas enganam e mentem

a eles mesmos
quando se agarram
a cânones estéticos meandros
ironias tendências

sabem e querem
abrir o corpo do pescoço ao sexo
e assim expor a todos
cada entranha
os filamentos do medo
atravessando vermelhos
a tessitura da exaustão

esperam ali
na nudez avessa
a mão intrusa para os salvar
- um dia que seja -
com manobras
que só texto
não

e então você dirá palavras açucaradas

deixará visgo nos pontos de pouso

escondendo água e mapas
forçará voos circulares
em torno de imagens talhadas
a feromônio

insistirá
até cobrir de vapor o reflexo
depois do banho

quando estiver perto o bastante
para o bote
a possível matança
perceberá enfim
que a presa

nunca passou

de holograma

aquela pessoa e perfume

invadem cavas
inflamam vãos

(ao narcótico efeito
a miopia aumenta)

aqui
no côncavo das mãos
resposta é nenhuma

chego até
a desculpar-me pelo amor
a incerta aura

ser luz chuva vento?

não:

deserto

¹ **Alberto BRESCIANI** em 2011 publicou *Incompleto movimento*, poesia. Sua prosa e poesia estão no Jornal Rascunho, na Revista Germina de Literatura e Arte, em Mallarmargens Revista de Poesia & Arte Contemporânea, nos Portais Cronópios e Musa Rara e em outros sítios da internet. Escreve em Nóstres (<http://nostres-amv.blogspot.com.br>) e em Zonadapalavra (<http://zonadapalavra.wordpress.com/>).
Email: albertolbresciani@gmail.com

Recebido: 08.12.2013

Aceito: 05.12.2013